



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



dizer, porque estou falando da República, ou melhor, do Governo central, da União, que existem recursos e que podíamos ter avançado mais, porque houve entraves do tipo político para a decisão sobre a aplicação dos recursos.

Mas há muitos esforços que não são do Governo, e sim de empresas, que também estão avançando e, de alguma maneira, está havendo uma certa generalização dessa questão.

Vejam que é muito importante assinalar que não adianta colocar um computador numa sala de aula, nem mesmo ligá-lo com a Internet. Tem que haver quem maneja isso, quem seja capaz de utilizar o computador. O treinamento é tão ou mais importante que a disponibilidade do material.

O Ministério da Educação tem programas nesse sentido, treinou gente na questão da formação do ensino a distância. Tem lá, até, não sei se hoje, mas até há bem pouco tempo, nós tínhamos mais professores treinados de que a possibilidade de utilizá-los, pelas razões, que já disse aqui, de uma certa morosidade na generalização do acesso ao instrumental.

E não há nada que emocione mais do que ver – como eu vi – lá na Amazônia, em Mato Grosso, numa cidade chamada Sinop, na fronteira da floresta amazônica, a interligação de uma escola pública pelo sistema de computação, através da Internet, em que as crianças se comunicavam com colegas seus, do Rio Grande do Sul e com estudantes nos Estados Unidos, com o sistema de tradução imediata. Isso lá na Amazônia.

Nós temos um programa, agora, de digitalização dos acervos da Biblioteca Nacional feito pela iniciativa privada. Ou seja, daqui a pouco, quem estiver no meio do Brasil, na Amazônia, no sertão, onde esteja, se tiver acesso a computador, via Internet, vai poder “folhear” os livros disponíveis na Biblioteca Nacional, ou ver as pinturas disponíveis, gravuras, etc. etc.

Então, isso, realmente, cria uma nova sociedade, dando sustentação, como exemplo, ao que eu disse no início: uma sociedade em que você não precisa estar ao lado, presente, e está lá, ao mesmo tempo, contemporâneo do que possa existir de riqueza de acervo. Esse é o

desafio fundamental para nós, como sociedade, se quisermos realmente avançar mais.

Uma parte disso, o Governo vai também ter que absorver e se responsabilizar em fazer. Nós temos o que chamamos o “Governo eletrônico”. Esse Governo eletrônico, hoje, já dispõe de uma quantidade bastante impressionante de informações on-line. Isso permite o acesso do cidadão a muita coisa, por exemplo, informações sobre a sua aposentadoria. Em muito pouco tempo, vai ser possível a aposentadoria através do computador, ter mecanismos de controle, pode, não pode, e ver o que falta.

Algumas informações que se queiram, na Receita Federal, já hoje são pelo computador. Aliás, nessa matéria, temos dado, aí, bastantes exemplos da nossa capacidade, nossa plasticidade, com experiências muito positivas na questão do Imposto de Renda. Mais de 90% dos brasileiros prestam contas via Internet, bem mais que 90%. E quando não é feito via Internet, de qualquer maneira, é por meios eletrônicos. É uma coisa que marca, porque, comparativamente, é difícil encontrar outros países com esse grau de absorção da utilização do instrumental. Não é o fato de dispor do instrumental, é de a população usar o instrumental. É, realmente, muito impressionante.

Nós, hoje, temos quase 15 milhões de pessoas que apresentaram suas contas à Receita. E mais de 90% disso aí são, sei lá, 14 milhões, através de computação. Não é que tenham em casa o computador, nem a ligação à Internet, mas têm, em algum lugar, fácil acesso, porque assim foi feito.

No que diz respeito à questão do que se chama e-government, que é esse Governo eletrônico, não sei se viram, mas recentemente saiu publicado o resultado de uma comparação internacional na qual o Brasil não está bem situado. E não está bem situado porque se colocam, nesses dados, como é natural, os dados sociais gerais e, aí, a média cai. Mas, num ponto, o Brasil está bem situado: é, justamente, a utilização, pelo Governo, do e-government, ou seja, do Governo eletrônico.

O número de papéis que deixei de assinar é considerável, porque, hoje, temos a assinatura eletrônica, não a minha, porque não pode ser, pelo menos por enquanto, mas as dos Ministros, as dos funcionários,

etc. etc. E nós temos todo um sistema complicado, de uma chave, de uma raiz, para poder garantir que isso funcione, e funciona. E o papelório que cai é muito grande. A velocidade com que isso acontece, a prestação de contas, é muito grande.

No futuro, espero que possamos ter uma relação direta com o Congresso, dessa maneira. O papelório que vai do Executivo para o Legislativo é imenso. Não precisa, o próprio Congresso tem alto grau de sofisticação em matéria de utilização de meios eletrônicos. Todo o sistema legislativo nosso está absolutamente orientado e já absorveu essas novas tecnologias. E, talvez, os brasileiros não saibamos valorizar suficientemente o esforço que tem sido feito nessa área.

Se quisermos dar exemplos, haveria muitos a dar sobre a absorção que existe, hoje, pela máquina pública, do instrumental disponível para que tenhamos uma sociedade que melhor se informe, inclusive naqueles aspectos que são essenciais à transparência.

Hoje, já há muito tempo, os senadores e os deputados têm acesso direto aos gastos do Governo, diariamente, on-line. E quando se diz deputados e senadores, diz-se mídia, porque basta chegar perto de um deputado. Chega lá evê. Muito poucos países têm o grau de transparência das contas públicas como o Brasil. Isso foi objeto de um reconhecimento, não sei se do Banco Mundial ou do Fundo Monetário, recentemente, do grau de transparência muito elevado. Como é que se tem essa transparência? É por causa da utilização dos meios eletrônicos, para dar acesso às informações.

Claro que, aí, a informação pode atrapalhar, também, o conhecimento. Quantas vezes vejo, no jornal, uma informação que foi retirada do computador e que não ajuda ao conhecimento, porque não explica direitinho o item do Orçamento, não-sei-o-quê. Então, muitas vezes, aí se bombardeia essa informação, se toma aquela informação sem uma análise, se publica a informação e a informação deixa de ajudar o conhecimento. Não importa. O que importa é que se tenha a possibilidade de ajudar o conhecimento.

Nessa área, houve um esforço muito grande. É claro que existem outros problemas, que são bastante complicados. A inovação tecnológica

não é alguma coisa que se dê isoladamente, ela precisa de um ambiente favorável à inovação, fazendo com que as universidades, as empresas e as instituições do poder público possam interagir. E, para isso, não só temos que ter instituições – algumas já mencionei aqui, há muitas outras mais – mas temos, também, que ter alguns recursos, para que isso ocorra.

E os recursos – podem mostrar o outro gráfico, por favor? –, como se pode ver aí, embora tenham aumentando, são um tanto instáveis, pelas razões conhecidas: de ajuste fiscal, de que não se pode gastar e não-sei-o-quê. Podem ver aí, ali, de 94 em diante, cresceu e, depois, caiu. Em 94, 95 e 96, é porque ainda houve uma parte de alguns projetos de privatização que foi destinada à questão de ciência e tecnologia. Depois, houve aperto maior. Agora, voltou a crescer. Mas, para evitar esse ziguezague, embora sempre, comparando com o início da década, tenha havido um crescimento considerável, criamos, agora, 14 fundos setoriais de pesquisa.

Não é para fazer elogio de corpo presente, mas o Ministro Sardenberg teve um papel fundamental no convencimento da área econômica e, depois, em buscar apoio no Congresso Nacional para que, efetivamente, esses fundos fossem criados. Eles aí estão, os 14 fundos que estão aí, criados, e a previsão de arrecadação desses fundos, de tal maneira que, no ano corrente, deve ser de mais de 1 bilhão de reais, que deve corresponder ao Orçamento atual do Ministério. Nós conseguimos dobrar o Orçamento a partir de fundos que são extra-orçamentários, desde que a gente consiga mantê-los como extra-orçamentários. Senão, temos que nos empenhar para que assim seja.

Isso vai garantir aquilo que é fundamental – e aqui há muitos cientistas e pesquisadores – para dar continuidade às instituições de pesquisa: que também se tenha acesso à previsão de quanto recurso virá. Então, daqui por diante, o Brasil pode dizer que ele não apenas dispõe de instituições, mas dispõe de recursos que são especificamente orientados para essas instituições de pesquisa.

Aqui, no caso, a maior parte desses recursos serve para a inovação tecnológica, não é só para a pesquisa de ciências puras. São pesquisas que podem ser feitas por empresas, por universidades ou pelo setor público, isoladamente ou em conjunto. E, quanto possível, estamos ge-

neralizando o sistema, que já é generalizado no CNPq ou na Fapesp, ou seja, o julgamento de quem recebe e de quem não recebe depende de comitês que são formados pelos próprios pesquisadores ou pela sociedade civil e não têm ingerência burocrática ou política. É algo que funciona em termos de um mecanismo mais consistente com os objetivos nacionais de desenvolvimento.

Vê-se, por aí, que a criação desses fundos todos – é de se esperar – vai permitir que haja um impacto crescente nessa matéria de desenvolvimento científico e tecnológico e também em termos de inovação.

É preciso dizer que já existem objetivos alcançados, ou melhor, em marcha. A próxima tabela, por favor. Isso aí mostra os artigos publicados em periódicos internacionais como proporção do que acontece no mundo. Vejam vocês a proporção do Brasil em relação ao mundo, olhem como cresce consideravelmente, olhem a aceleração da curva, novamente. Quer dizer, depois que se planta uma nova forma organizacional, que se criam mecanismos financeiros, se cria uma mentalidade mais ligada. Isso leva algum tempo, mas depois que começa a funcionar, acelera. Estamos já em fase de aceleração. Isso aí mede artigos publicados por critérios que são internacionais. Creio que, aí, os artigos publicados estão em 14 das revistas mais importantes do mundo. E a proporção dos artigos publicados pelos brasileiros tem aumentado consideravelmente. Nós correspondemos, hoje, a 40% da produção latino-americana. Em 81, era de 0,4. Agora, é 1,4. Quer dizer, é um crescimento grande. Por favor, o próximo.

Esses são os países. O Brasil se coloca, em número de artigos publicados, em 9º lugar. Vejam que, menos do que nós, tem Taiwan, Turquia, Austrália, Suíça, México. Agora, evidentemente, vejam lá a Coréia do Sul como está colocada, a China, a Alemanha, o Japão. E quando vamos ver a quantidade, embora tenhamos acelerado, estamos longe de ter um desempenho, em termos globais, comparável ao desses países. Temos o potencial para e estamos no caminho de, mas ainda não chegamos. Outro quadro.

Bom, o fato é que houve um avanço considerável nos vários setores de tecnologia no Brasil, isso é indiscutível. Mas é um avanço que não

ocorre apenas na área de indústria; aqui, alguém mencionou – foi o Doutor Velloso – a questão da agricultura. Hoje, quem andar pelo Brasil afora vai ver, no interior do Goiás, de Mato Grosso ou onde quer que seja, que o rebanho está controlado por chips e ligado a satélite. Todo o desenvolvimento que houve na agricultura brasileira, que foi muito impactante – houve um aumento enorme da produção agrícola do Brasil de grãos –, tem por trás a Embrapa, que é uma instituição sem paralelo no mundo. A Embrapa tem mais de mil doutores, ou um pouco mais, e mais de mil mestres trabalhando nela. Não há instituição no mundo que tenha uma concentração tão grande de gente dedicada à agricultura, menos ainda em agricultura tropical, que é o nosso caso.

Isso permitiu um desenvolvimento muito grande de cultivares novos, tipos de semente, tipos de cultivo, de fazer misturas de plantas, enfim, um avanço enorme. E o mesmo se diga, começa a existir com a pecuária também. Então, imaginar que a sociedade do conhecimento é só nos aviões – que foi muito importante, da Embraer – não é certo. Da Embraer foi importantíssimo. Está aqui o Doutor Ozires Silva, que sabe disso. Por trás disso, tem o desenvolvimento de quê? Do ITA–Instituto Tecnológico de Aeronáutica, da própria Força Aérea, do desenvolvimento tecnológico de paradigmas, etc., etc., que permitiu, hoje, que tivéssemos a capacidade de competir. Criamos a capacidade, como disse no início, de competir numa área que era de alta sofisticação tecnológica. Mas a agricultura não tem sequer uma coisa de baixa sofisticação tecnológica, não. Hoje, é de altíssima sofisticação tecnológica. E, hoje, exige controles de qualidade extremamente rigorosos para que possamos, efetivamente, ter acesso aos mercados e para que possamos, efetivamente, competir. O mesmo se diga da Petrobras.

O que aconteceu no desenvolvimento, isto é, o genoma brasileiro, é um exemplo bastante claro do que conseguimos com a formação de 25 laboratórios da rede nacional do Projeto Genoma Brasileiro. Isso modificou profundamente a nossa capacidade de oferecer conhecimento e de usar os conhecimentos nessa área. Há pouco, o Doutor Sardenberg dizia que nós devemos ter 300 empresas – é isso, Ministro? – no Brasil nessa área. E nós temos, em Minas Gerais, cem. Em São Paulo também

mais cem, mas que produzem equipamentos, e os mineiros produzem o conhecimento – uma boa divisão do trabalho.

Isso aqui não são projetos, isso é uma realidade. São processos, estão ocorrendo. E o que é mais interessante, podem ver pelo mapa, é que eles abrangem um espaço cada vez maior do Brasil. Não é mais o Brasil concentrado em São Paulo, Rio e, eventualmente, Minas e Rio Grande. Começa a haver um espalhamento no Nordeste, em Manaus, em Belém. Tudo isso já tem redes que permitem uma integração de núcleos de pesquisa, de núcleos de conhecimento.

Se nós formos olhar o que aconteceu na Petrobras – esses dados aí –, vejam a produção de petróleo. O mais clarinho ali é a produção de petróleo em terra. O mais vermelho é a produção de petróleo em águas profundas. E lá é o resultado. Já está atrasado, porque nós estamos produzindo mais de 1 milhão 400 mil barris por dia. Estamos nos aproximando de 1 milhão 500 mil barris por dia. Isso permite, daqui a muito pouco tempo, por causa das novas descobertas e dos novos investimentos, dentro de mais uns cinco anos, ou menos, não só a auto-suficiência como, eventualmente, alguma exportação.

Mas isso não foi feito por milagre. Isso foi feito com gente competente, dinheiro para investir, financiado, é verdade, pelos japoneses em grande parte, não importa, e capacidade técnica. Ninguém explora petróleo em águas profundas melhor que a Petrobras, nem ninguém explora em águas mais profundas que a Petrobras. E como o nosso petróleo está todo em águas profundas, ou se desenvolvia essa tecnologia de exploração em águas profundas, ou então nós não teríamos capacidade, como temos hoje, de dizer: “Bom, dentro de pouco tempo vamos ser auto-suficientes e, eventualmente, podemos até exportar”, que é tema aí que aflige a todos. Como é que vamos mudar a nossa vulnerabilidade externa, como é que vamos exportar mais? Não se faz do dia para a noite. Não adianta fazer discurso, só. Discurso é bom, a gente gosta de ouvir, de falar também, mas não basta, precisa ter trabalho. E trabalho cotidiano, rotineiro, que não aparece, que não dá manchete, mas dá resultado.

Estou vendo aqui alguns exemplos do que pode ter dado resultado. Nós estamos vendo que essa mentalidade começa a se ampliar, começa

a se generalizar. Mas não nos contentemos demasiado. O outro quadro vai mostrar que é preciso ser mais prudente, mesmo eu que sou otimista, na avaliação de resultados.

Olhem as patentes. O Brasil infelizmente é que está em roxinho aí. O outro é a Coréia. Olhem a diferença. Olhem o que era em 80, olhem o que é em 2000, Coréia do Sul. O que significa isso? Que não está havendo, paralelamente ao avanço de doutores, de fundo de pesquisa, de rede de sustentação da ciência básica, muita inovação. Ou não estará havendo muita atenção à inovação. Ou seja, sem nome não se registra patente. A boa maioria, boa porcentagem das patentes registradas pela Coréia, não é a revolução de um paradigma de conhecimento. Isso é para poucos, para poucas universidades. Nós aqui podemos, numa ou noutra, algumas, mas são pequenas inovações no processo produtivo. E, muito provavelmente, não damos a atenção necessária a isso.

Agora está no Congresso, estamos mandando uma lei de inovação. Foi suscitada por debates havidos no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E há que chamar a nossa atenção para a necessidade de haver um apoio muito especial às condições de inovação e à possibilidade de introduzir certos recursos, não só de dinheiro, mas de funções também, que permitam inovar mais e dar mais atenção ao que é inovação. Esse quadro, evidentemente, é um quadro preocupante. Nós olhamos o número de patentes. O número de patentes, em 20 anos, passou de 24 para 98. Os coreanos passaram de 8 para 3.314. Tem alguma coisa errada aí. Ou nós não estamos patentando o que descobrimos, ou nossa capacidade de inovar está meio abalada. Como não acredito, eu acho a discussão da inteligência no mundo uma curva normal. Isso é de Descartes, que queria dizer que o bom senso é a coisa mais bem dividida no mundo. Então, acredito que, realmente, aqui tem alguma coisa – e falta apoio institucional, falta motivação, falta ligação entre empresa, universidade e Governo. Vamos ter que trabalhar nessa área com muito afincô.

Isso aí são os gastos de pesquisa e desenvolvimento. Vê-se que, até agora, o Governo é absolutamente majoritário comparado com o setor empresarial. Esses dados são sempre algo discutível. Não sei realmente

o fundamento desses dados, mas dão sempre uma certa idéia do que está havendo em termos de gastos. Não sei se tem alguma outra tabela aí que mostra de uma maneira mais específica.

Isso aí são os recursos aplicados em países selecionados. Vê-se que o Brasil, na verdade, não está entre os piores. Aplica mais que o México e Portugal, mas está muito longe – isso é porcentagem do PIB, provavelmente, não estou lendo daqui – de ter uma participação equivalente à dos outros países mais desenvolvidos. Então, há muito, realmente, o que fazer nesse campo.

Vejam a figura seguinte, dá a porcentagem do PIB. Recurso é o outro. Recursos aplicados com porcentagem do PIB em países selecionados. O Brasil aplica 0,9% do seu PIB. O México, menos, Portugal, menos, a Espanha, mais ou menos igual, e daí por diante. A Itália tem um pouco mais, e os outros crescem muito. Só que o tamanho do PIB não é o mesmo. O nosso é o 10º do mundo. Mas não se compara, naturalmente, em termos do volume de recursos, com um país como a França, que está aplicando 2,5% ou 2 vírgula qualquer coisa do seu PIB, 2% que seja. Deve ter um PIB de quanto? Alguns trilhões de dólares. Então, evidentemente, a massa vai pesar muito e vai pesar muito, naturalmente, nos resultados que se alcançam com esse desenvolvimento.

É claro que, hoje, temos os programas, aqui, de incubadoras de empresas para pequenas empresas. Existem já muitos programas em andamento. E, na verdade, vê-se que há um esforço grande também de atrair para o Brasil, no setor específico de telecomunicações, de informática, de ciências da computação, de atrair investimentos. O BNDES mesmo tem um programa ativo nessa área. Temos cerca de cem grandes empresas internacionais de informática. Estamos lutando para ter empresas de chips no Brasil. Não fizemos o esforço suficiente, num dado momento, não oferecemos as condições para que uma grande empresa da Costa Rica viesse para cá. Erro fatal, porque isso é decisivo para que tenhamos, realmente, um ingresso mais tranquilo na sociedade da informação.

Mas, ainda assim, estamos atraindo. Mudamos a Lei de Informática. Começam a existir condições mais favoráveis para uma articulação melhor nessa matéria. Já mencionei a Lei de Inovação, que está sendo

enviada ao Congresso. E não tenho dúvidas: hoje, a competição é internacional. Essas empresas não vêm se não tiverem algumas vantagens. E, às vezes, a vantagem não é redução fiscal, às vezes é o tempo que demoram a importação e a exportação. E, às vezes, o tempo é um dia de diferença. Isso diminui o estoque e diminui o custo. Agora, também mudamos, graças à Receita Federal, depois de muita discussão com o pessoal dos Ministérios de Ciência e Tecnologia e de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Existe já, hoje, em alguns terminais aeroportuários, a possibilidade de um sistema quase on-line de importação e exportação quase que direta, perto dos aeroportos. Quer dizer, estamos mudando também a nossa concepção de como se faz isso. E, em vez de ser apenas uma visão de incentivo, de dinheiro, de reduzir o imposto, que é sempre complicado e não é saudável, a longo prazo, em vez disso, é melhorar o serviço.

Quer dizer, a verdade é que, para nós podermos realmente tirar todo proveito do que existe como campo aberto, em matéria de nova sociedade no sentido que estamos mencionando aqui, tudo depende de condições extraciência, extrafábrica. São condições na sociedade: meios de transporte, meios de comunicação, o Governo, a relação do Governo em termos do fisco, como é que isso se harmoniza ou não. E isso é um longo processo, porque ao redor de cada decisão dessas há interesses. Quando digo que há interesses, não são interesses escusos; são interesses que as pessoas têm e lutam por eles. E o Governo tem, a toda hora, que compor interesses e, em certas condições, decidir e contrariar interesses. E tudo isso leva tempo. Mas o Brasil está se organizando para poder enfrentar esse conjunto de situações. Passe, por favor, para a figura nº 16, aí.

Isso, aí, são as exportações com maior conteúdo tecnológico, no mundo e no Brasil. Vê-se, de novo, uma inflexão positiva, uma aceleração da linha. Tudo a partir de um patamar ainda baixo, porque a nossa participação nas exportações mundiais é de 1%. Mas não estamos perdendo, em conteúdo tecnológico, em comparação com outros países, para que não se tenha também a idéia de que "Ah, o Brasil perdeu a vez". Não. Há uma aceleração. Outro quadro, por favor.

Aí, se vê também a mesma coisa. Quer dizer, exportações com alto conteúdo tecnológico. Não sei como está definido. Elas aumentaram numa velocidade considerável, a partir de 94 em diante, e as importações caíram. Tudo isso, no fundo, exprime a mesma coisa: a sociedade está com maior capacidade tecnológica. Mesmo nas exportações, que é uma área de dificuldade para nós, está havendo, aí, uma certa modificação, que é sensível, embora ainda insuficiente.

Em suma, temos esse desafio pela frente, que é o de nós, de uma maneira cada vez mais competente, sermos capazes de uma inserção positiva na economia mundial. E inserção positiva, nos dias de hoje, quer dizer uma inserção com conhecimento. Não só conhecimento tecnológico, é óbvio, mas também conhecimento das nossas necessidades e possibilidades e de nossa capacidade efetiva de conseguir chegar a objetivos. É o conjunto da sociedade que está amadurecendo e tem que amadurecer mais, para ser capaz de definir seu rumo. Ninguém vai definir rumo algum se não tiver sido capaz de absorver essas novas tecnologias e se não tiver sido capaz de não só absorver, mas de produzir novas tecnologias, de criar aqui novas tecnologias.

Não gosto muito dessas expressões, que são um pouco grandiloquentes, de que a sociedade, agora, é a sociedade do conhecimento. Não é bem assim. Há setores que são tradicionais, vai haver sempre, não vai haver uma revolução tão completa. Mas houve, efetivamente. Houve uma aceleração na difusão do conhecimento tecnológico e na necessidade de produção de novas tecnologias. E, cada vez mais, o nosso futuro vai depender da nossa capacidade de avançarmos organizadamente na direção desses objetivos.

Pode ser um sonho. Pode ser demagogia? Não creio. Não sou dado a esse tipo de demagogia. Sonho, gosto de sonhar, às vezes, porque a realidade, às vezes, é tão áspera que é melhor sonhar. Mas não se pode ficar perdido no sonho, tem-se que sonhar com os olhos abertos, olhando o caminho. Nós estamos construindo um caminho.

Esse caminho precisa ser ainda mais desbastado. Ele depende muito não só do talento e da criatividade, mas também, como já repeti aqui tantas vezes, das condições para que esse talento e essa criatividade

realmente medrem no nosso país. Ele depende de um amadurecimento institucional. Ele depende de uma compreensão que vai além dos interesses imediatos de cada segmento da sociedade. Ele depende da criação de um ambiente que permita, que este Fórum permite, ou seja, que os vários setores da sociedade, mesmo em conflito, discutam os seus objetivos e que nós vejamos capazes de tirar uma diretriz a partir dessas várias posições e isso nos permita avançar.

Claro, o mundo, às vezes, se fecha. Às vezes, há momentos em que outros temas são mais apaixonantes, para os outros, do que comércio, desenvolvimento, tecnologia, educação. Agora, vivemos um momento difícil, que é o momento em que o medo levou à superestimação da segurança. E isso tem consequências, acaba tendo consequências sobre todos os objetivos de um país pacífico como é o Brasil. Mas não são suficientes para nos desanimar porque, na verdade – e eu repito –, nós podemos construir as nossas vantagens comparativas. Nós já não estamos mais, simplesmente, à mercê da definição alheia dessas vantagens, desde que tenhamos talento, seriedade e persistência. São características que não são tão difíceis de alcançar por um país como Brasil.

Os números que apresentei foram poucos, para não cansá-los demais, e mostram que não se trata de que não se esteja fazendo nada. Trata-se de que se está, muitas vezes, em certas coisas, começando, porque houve perda de tempo. Mas as sementes foram plantadas; agora, é questão de persistir no rumo e elas vão frutificar mais e mais.

Muito obrigado.